

LUGAR

Exposição de André Mendes na Galeria Zilda Fraletti

Texto de Vivi Villanova

Um menir, um ovo de ouro bramânico, uma pedra filosofal sonhada pelo alquimista. A forma azul que em silêncio nos convida a adentrar a exposição Lugar do artista André Mendes, evoca a relação oculta que os totens tecem com a gravidade. Mas qual é este Lugar no qual ela repousa?

A luz revela o palco metafísico que se projeta na direção do espectador e sem cerimônias instiga o caminhar no desconhecido. A escala da pintura acolhe o olhar assim como as pinceladas que autorizam cada objeto na cena a cultivarem sua tridimensionalidade. O corpo com prudência busca pistas que lhe sirvam de guia nesta jornada, como um eremita que se orienta pelo pulsar do coração. O Lugar é um lugar da matéria.

Repare que as pinturas generosamente nos presenteiam com portas que podem servir de entrada e de saída. São um elemento reconhecível que nos dá boas-vindas ou se despedem de nós com um até logo. A porta se apresenta como o arco de um templo evanescente, como a espiral de uma caverna escura, como a passagem em uma casa conhecida. E cabe a cada corpo desvendar se o que lhe impulsiona ali é um movimento de chegada ou de partida. Ou ainda, se o corpo, ao atravessar a porta, seguirá voltando de novo e de novo para o mesmo lugar. O mesmo Lugar.

Uma semente, uma língua, um estame, um óvulo. A matéria vermelha adentra o Lugar e responde à suspensão do tempo. Algumas formas se mantêm estáticas como monges em meditação profunda, outras simulam a explosão primordial do Big Bang ou se dobram em um ativar da fásia; outras ainda flutuam no éter sem nunca abdicar da integridade que compõe este corpo-universo. Metafísico ou astronômico, psíquico ou fisiológico, o micro do sangue correndo nas veias ou o macro de um corpo celeste navegando o cosmos. A teosofia de Blavatsky ecoa no mesmo espaço-tempo que a sala vermelha do agente Cooper e a arquitetura misteriosa das praças de De Chirico.

Nas telas que compõem a exposição Lugar, as esculturas que antes experimentavam o espaço como um tempo performático com começo, meio e fim, materializam na pintura o seu próprio lugar. Luz e sombra produzem figuras que se movimentam como um corpo biológico, sussurram narrativas, festejam o nascimento. E assim criam um Lugar, no qual o presente é celebrado como o tempo cristalino da criação.